



OS DESAFIOS DO NOVO CONGRESSO

O erro de origem das oposições

EDISON LOBÃO *

No instante em que se instalou hoje a primeira sessão legislativa, estará tendo início uma importante fase da democracia brasileira restaurada.

Quantas vezes ouvi de líderes oposicionistas eminentes que o arbitrio no Brasil jamais cessaria senão por força de uma ação dos contrários. Negavam sempre a possibilidade de uma retomada do processo democrático por via pacífica. E alguns procuravam fortalecer sua tese com a invocação de exemplos da história. Eraram. E o erro era de origem, pois sempre atribuíram à Revolução de 1964 um caráter ditatorial quando o que havia era um regime forte, nunca uma ditadura ortodoxa. Ao estilo do Estado Novo. Em nenhum momento deixamos de ter eleições diretas e indiretas. A justiça cumpria o seu papel, mutilada em alguns instantes, sim, mas não fechada. A liberdade de imprensa comprometida num período foi recomposta a seguir. Era a democracia relativa a que se referia o presidente Geisel. Ditadura relativa, para oposicionistas moderados.

Como quer que seja, os tempos são outros. Eleições diretas realizadas sob o signo de uma nova ordem partidária a que todos tiveram acesso igual. Anistia feita, ampla e total e anistiados concorrendo e vencendo eleições. Justiça plena de predicamentos, imprensa totalmente livre ativa, Congresso funcionando no fastígio de sua nova fase. As decisões do governo são questionadas e muitas delas duramente combatidas.

E tudo isto se fez no epicentro de uma monumental crise econômica que abala o mundo na tortura do desemprego, da recessão e da inflação, da qual não conseguimos ficar à margem.

E portanto nessa conjuntura e nesse contexto que emerge o novo Congresso Nacional, repleto de autoridade popular, eco das aspirações nacionais. A voz deste Parlamento é assim, a voz da própria democracia.

E portanto imensa a responsabilidade do Congresso Nacional que se cairá da confiança do povo e descumprirá seu papel transcendental se não for capaz de abjurar aos radicais minoritários e aos atos de intolerância política. O Congresso de hoje não pode servir de instrumento da paixão de alguns contra os interesses da maioria. E cometerá erro grave na medida em que se supuser um corpo infenso às dificuldades em que o País, juiz impiedoso dos demais poderes, com imunidades para a retaliação que deprime as entranhas da própria Nação. Não poderemos nós, congressistas, assumir a postura dos julgadores arquipoderosos, sem que com isto estejamos abrindo os nossos portões a descargas semelhantes. A crítica intolerante, desmesurada, aética, nunca poderá contribuir para a consolidação do regime democrático, obra importante que ainda não se completou.

Também de nada serve o pessimismo escravizante. O País está em dificuldades econômicas muito intensas, o povo sofre com a inflação e alguns índices de desemprego e temos uma dívida externa que nos atormenta, mas nem o somatório de tudo isto pode significar o fim do mundo até porque nenhum país com o nosso foi agraciado com tantas e tão formidáveis potencialidades naturais. Venceremos a crise mais depressa do que os outros desde que as inteligências tomem um caminho convergente.

Paí da depressão, o ceticismo precisa ceder lugar a esperanças responsáveis, edificadas nas condições especiais de nosso País. É claro que também não podemos nos deixar embair pela quimera, porque então mais do que incapazes estaremos sendo irresponsáveis para com o presente e o futuro. E o otimismo há de estar também presente à ação política. O fato de não ter o governo maioria na Câmara é indiscutivelmente grave, mas não letal. Haveremos de desarquivar o hábito perdido, por desnecessário, da negociação política por mais penosa que possa vir a ser. Os governadores do PMDB e do PDT certamente não se disporão a estimular desvarios políticos de correligionários portadores de imunidades parlamentares, mas ao contrário, poderão mesmo contribuir para a construção de um estilo de compreensão e colaboração na busca de solução para todos. Não estamos vivendo momentos de euforia econômica, o que já significa um problema demasiado grande para os brasileiros. Agregar outras dificuldades em nome de uma ação política contrária é contribuir para o caos que a ninguém pode servir.

Chegou a hora do sacrifício. Mas se é certo que as grandes vitórias exigem grandes sacrifícios, não será sem propósitos que agora amargaremos, todos, o nosso.

*Edison Lobão é deputado